

A Mesa da Palavra explicada

Padre Albino Reis

Domingo XXXI do Tempo Comum

1ª leitura – Deuterónimo 6, 2-6

Salmo - Salmo 17 (18)

2ª leitura – Hebreus 7, 23-28

Evangelho - Marcos 12, 28b-34

A primeira leitura é o início da oração judaica do Shemá Israel ("Escuta, ó Israel"), que os fiéis recitavam três vezes por dia, e especialmente pela manhã. Esta oração conserva as características essenciais da fé dos judeus: a profissão de fé num só Deus (v. 4), o compêndio de toda a lei num único mandamento, o mandamento do amor (v. 5) e, finalmente, a recordação e memória da aliança (vv. 10-12).

Já no Antigo Testamento, o mandamento do amor a Deus é completado pelo «segundo mandamento»: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Lv 19, 18). De facto, no Antigo Testamento nunca se acreditou que fosse possível amar a Deus sem se interessar pelas pessoas. O amor a Deus prolonga-se necessariamente no amor ao próximo.

De uma ponta à outra do Novo Testamento, o amor ao próximo parece inseparável do amor a Deus: os dois mandamentos são, na realidade, um só, que é o cume e a pedra angular de toda a Lei. A caridade fraterna torna-se o conteúdo e a realização de todas as exigências morais; é, em última análise, o único mandamento, que garante uma fé viva. Como diz S. João, «Quem diz que ama a Deus que não vê e não ama o irmão que vê, é MENTIROSO. Afirmação clara de que, em essência, existe apenas um amor.

O amor ao próximo é, portanto, essencialmente religioso, não é simples filantropia. Ele é religioso por causa da sua fonte e do seu modelo: o cristão ama o próximo para imitar Deus, cujo amor é universal, gratuito e incondicional. Esta ligação entre o amor de Deus e o amor dos homens está sempre no centro da vida cristã e é tão clara e precisa na sua formulação teórica como problemática e instável na sua tradução prática.

Onde Deus já não tem o lugar que merece, a relação com o próximo começa também a perder a sua importância. Perante a fome, a injustiça e a opressão, corre-se o risco de uma resposta de violência, para resolver os problemas da sobrepopulação, do planeamento indiscriminado da natalidade ou da legalização do aborto; perante a crise da família, propõe-se o divórcio como remédio; para acudir ao doente incurável e em grave sofrimentos, sugere-se a eutanásia.

Por outro lado, o verdadeiro amor ao próximo exige inevitavelmente um compromisso concreto no mundo e na luta pela libertação da humanidade de toda a forma de escravidão... Pertence ao passado uma espiritualidade e um misticismo que, para enfatizar o amor a Deus, pregavam a fuga do mundo e o desprezo pelas coisas; Os cristãos na Igreja têm a tarefa de manifestar aos homens e às mulheres os sinais autênticos do amor que salvou o mundo. Sendo o Corpo de Cristo, a Igreja nunca deixa de ser este sinal; mas depende da fidelidade dos cristãos que este sinal desenvolva toda a sua força e significado.

Querer paz e justiça, no entanto, é querer os meios. Não bastam intenções corretas e palavras bonitas. As escolhas devem ser feitas ao nível da acção individual e colectiva, com base numa análise realista dos dados do problema em toda a sua complexidade. É neste campo que se situa a credibilidade da Igreja perante o mundo, especialmente os jovens, a sua fidelidade ao Evangelho, que se resume no mandamento do único amor.

Há que entender, por exemplo, que a paz, tão difícil nos nossos dias, não é simplesmente a ausência de guerra, ou o equilíbrio das forças em conflito, nem nasce da dominação despótica, mas é um bem que deve ser posto em prática pelos que anseiam por uma justiça cada vez mais perfeita.

Para construir a paz, portanto, é absolutamente necessária uma firme vontade de respeitar as outras pessoas e os povos, o compromisso de consagrar a sua dignidade e, finalmente, a prática contínua da fraternidade. Portanto, a paz terrena, que nasce do amor ao próximo, é imagem e efeito da paz de Cristo, Príncipe da Paz, que brota de Deus Pai. Por isso, todos os cristãos são fortemente chamados a «viver no amor segundo a verdade» num verdadeiro amor à Paz, para implorá-la e pô-la em prática.

Ao citar imediatamente após o «primeiro» mandamento o segundo «que é como Ele», Jesus altera a formulação negativa dos Mandamentos no Levítico: "Não matarás... não cobiçarás..." para colocá-la no positivo: "Amarás". Fica tudo mais difícil e o escriba percebe que, não estando longe, tem ainda um passo a dar para entrar no Reino de Deus. Qual é este passo? Reconhecer em Jesus aquele que cumpre e nos permite cumprir o duplo mandamento que a Palavra de Deus, hoje, nos vem recordar.